

LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA E MUSEU DA CRIANÇA

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO

HÉLÈNE ANTIPOFF — AMÉLIA CARLOTÁ DA MATTA MACHADO

ORGANIZAÇÃO

DAS

CLASSES HOMOGÊNEAS NOS GRUPOS
ESCOLARES DE BELO-HORIZONTE



-2-



147.592 aa

1952

370,15

DAS CLASSES HOMOGÊNEAS

A tentativa de agrupar as crianças em classes homogêneas, e que acaba de ser realizada nos 1. anos dos grupos escolares de Belo-Horizonte, nada mais faz que obedecer a um princípio fecundo, encontrado na ordem do dia nos estabelecimentos industriais. Esse princípio é o da organização racional do trabalho, posto em evidencia por W. F. Taylor, desde o fim do último século.

No trabalho de Mr. Léon Walther «Tecno-Psicologia do trabalho industrial», editado pela Comp. de Melhoramentos de S. Paulo, obra muito sugestiva e que especialmente recomendamos aos diretores dos estabelecimentos pedagogicos, lemos as seguintes linhas, do próprio Taylor: «A organização científica não comporta necessariamente grande invenção, nem descoberta de novos fatos extraordinarios; consiste numa determinada combinação de elementos... Esta combinação que constitue a organização científica pode resumir-se da seguinte forma: ciência ao envez de empirismo; harmonia ao envez de discordia; cooperação ao envez de individualismo; rendimento maximo ao envez de produção reduzida; formação de cada homem de modo a obter o maximo de rendimento e de prosperidade».

Comquanto estas palavras se refiram ao trabalho nas oficinas, não são menos judiciosas no terreno escolar. Si no primeiro caso se trata principalmente do rendimento material, em pedagogia visarão o rendimento mental. Assim, sem despesas extraordinarias, sem introduzir elementos novos, porém, unicamente com os proprios recursos, tanto espirituais como materiais, a arte de combinar os meios disponiveis dará ao diretor da escola a possibilidade de melhorar consideravelmente a educação das crianças que lhe foram confiadas.

O grupamento dos alunos em classes homogêneas, segundo seu desenvolvimento mental, é, neste sentido, uma das combinações de organização racional do trabalho pedagógico.

Si a esse grupamento de crianças acrescentarmos ainda a preocupação da escolha de professores adequados a cada tipo de classe, poderemos esperar que o fato de haver colocado o «right man on the right place» assegurará ainda mais o êxito de tal organização.

Esperamos que a classificação das crianças segundo o grau de seu desenvolvimento mental traga bons resultados. Existem provas desse sucesso nos países onde a homogeneização das classes foi introduzida. Quais sejam os resultados desta organização no Brasil é o que a experiência deverá, porém, nos ensinar.

Por isto, é preciso que estejamos bem atentos às consequências da nova medida, e que acompanhem passo a passo os efeitos que irá produzir. Pois é o único caminho ou, pelo menos, o caminho mais eficaz e o que garante o progresso: o método experimental.

Todo novo empreendimento, toda modificação nas condições anteriores deve ser imediatamente estudada em suas diversas repercussões, afim de que possamos conhecer exatamente o valor de tal medida, saber com precisão quais os efeitos que ela traz, e quais os lados fortes e fracos. Si a prova fornece um resultado positivo, resta ainda procurar em que sentido podemos melhorá-la e dar-lhe ainda mais segurança. Si, pelo contrario, sua influencia é nefasta, e não dá os resultados que dela esperavamos, é preciso abandoná-la com lealdade.

Afim de sistematizar a verificação de cada nova medida pedagógica, seria para se desejar que as Escolas tivessem seus Arquivos pedagógicos para recolher metodicamente os documentos em questão.

A percentagem das promoções, o numero de repetentes, os resultados das provas mensaes ou das provas do fim do ano, os tests psicologicos e o rendimento de uma certa classe que adotou tal método novo, toda essa documentação, estudada durante alguns anos, poderá prestar apreciaveis serviços ao julgamento objetivo do trabalho executado.

Sem essa verificação constante, que é alfa e omega do método experimental, o trabalho escolar torna-se facilmente rotineiro, e a obediência cega aos parágrafos dos regulamentos, acaba por transformar o pedagogo em um automato de uma tarefa enfadonha.

A verificação não é somente necessária para se saber si da homogeneização das classes decorrem bons resultados pedagogicos, mas é também indispensável verificar si esta ou aquela criança foi bem classificada pelo criterio estabelecido. Quando examinamos uma criança por meio dos tests, á sua entrada para a escola, e quando lhe designamos seu logar na classe A, B, C, ou D, de conformidade com seu resultado, é evidente que a essa primeira prova é preciso acrescentar ainda a observação da criança durante um tempo mais ou menos longo e ver si realmente a classificação foi exata e si continua a sê-lo. Pois a classificação psicologica é cousa completamente diferente de uma classificação de botanica, por exemplo. Em botanica, tendo sido reconhecido o especimen, o naturalista o coloca em um dos escaninhos do herbario, e a planta ai permanecerá imovel, esperando que um outro Linneu venha rever as bases de uma nova classificação, que vai removê-la de seu logar. Em nossas classificações, o criterio permanecendo o mesmo, o especimen, que é o individuo, pode mudar e evolver a tal ponto que o escaninho onde ha tempos foi colocado, no fim de certo prazo, lhe será demasiadamente estreito ou largo.

Os tests de intelligencia geral somente revelam um dos lados da personalidade. E' certo que o desenvolvimento intelectual é, na maioria das vezes, acompanhado em nivel igual, ou quasi, dos outros aspéto físicos ou psiquicos. Mas, numerosos são os casos em que a criança bem dotada em relação ás suas disposições intellectuais, é nula quanto á faculdade de despende esforço, principalmente esforço prolongado. A criança classificada a principio muito boa, quanto a sua intelligencia, poderá ser apenas um aluno mediocre, merecendo somente uma classe comum, porque seu interesse pelo estudo e curiosidade intellectual estão abaixo dos de seus companheiros; pelo contrario, uma criança que, no test inicial, apenas deu um resultado

médio, poderá perfeitamente merecer uma classe adiantada, pois o desejo de saber, o esforço pessoal que a criança emprega para vencer as dificuldades a colocam no mesmo nível, superior, que as crianças de inteligência brilhante.

E', pois, rigorosamente necessario controlar periodicamente tanto o conhecimento como as aptidões das crianças que evoluem e amadurecem o espirito de um modo individual. E deste modo evita-se o perigo das classificações rígidas e inalteráveis, feitas no principio da vida escolar das crianças. As classes fortes e médias, como as fracas e as de educação individual, não possuem muros incomunicáveis, mas, pelo contrario, devem deixar filtrar de um grupo a outro as crianças, cujos caracteres estejam mais de acordo com as particularidades de cada grupo.

Para evitar um vai e vem constante de uma classe á outra, os trimestres, e mais ainda os semestres, podem servir de datas para a revisão desses casos bem como para as transferências. Permite-se mesmo prever que essas transferências tenham um carater de promoção, pois da classe D á classe A existe perfeitamente uma escala graduada, dando ás crianças oportunidade de se elevarem segundo seus meritos e seu desenvolvimento, sem haver necessidade de esperar-se um ano inteiro para galgar os gráus superiores.

As classes homogêneas e a possibilidade das promoções individuais são meios que asseguram aos alunos uma educação e instrução sob medida, reclamada pela pedagogia moderna, e evitam o ensino «en série», estereotipado e mecânico, que não toma em consideração o fator educativo, tão importante, que é o respeito á personalidade da criança

HÉLÈNE ANTIPOFF

ORGANIZAÇÃO DE GLASSES HOMOGENEAS

de 1.º ano nos Grupos escolares de Belo Horizonte

RELATORIO

POR

AMELIA CARLOTA DA MATA MACHADO

(Auxiliar do Laboratorio de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento)

O trabalho, de que tentámos fazer um resumo nas linhas que se seguem, refere-se á applicação do test de Dr. Simon, levada a efeito em 15 grupos de Belo-Horizonte com o fim de serem organizadas classes, o mais possivel homogeneas, sob o ponto de vista do nivel mental. (*)

A 10 de janeiro de corrente ano, foram escaladas pelo Dr. Mario Casasanta, então Inspetor Geral da Instrução, professoras recentemente formadas pela Escola de Aperfeiçoamento, para a realização daquele trabalho.

O Laboratorio de Psicologia da mesma Escola, recebendo e manipulando os dados referentes ao test, procurou, no presente resumo, salientar alguns pontos de interesse, apresentados nesse trabalho, emquanto assuntos de outra natureza, como a organização da escala para Idade Mental, analyse das diversas respostas ás questões do test, meio social e economico á frente do Q. I. medio para cada grupo, e outras mais, irão constituir assunto para outro relatorio

(*) Para o mesmo fim foi applicado o referido test em crianças dos Grupos de: Barbacena, Juiz de Fóra, Araxá, Itabira, Poços de Caldas, Passos, Santa-Barbara, Uberlandia, São-Gothardo, Leopoldina, São João d'El-Rey, Lambary, Santa-Barbara e outros, pelas ex-alunas da Escola de Aperfeiçoamento, que nesses Grupos trabalham.

ORGANIZAÇÃO DE GLASSES HOMOGENEAS

de 1.º ano nos Grupos escolares de Belo Horizonte

RELATORIO

P O R

AMELIA CARLOTA DA MATA MACHADO

(Auxiliar do Laboratorio de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento)

O trabalho, de que tentámos fazer um resumo nas linhas que se seguem, refere-se á applicação do test de Dr. Simon, levada a efeito em 15 grupos de Belo-Horizonte com o fim de serem organizadas classes, o mais possivel homogeneas, sob o ponto de vista do nivel mental. (.)

A 10 de janeiro de corrente ano, foram escaladas pelo Dr. Mario Casasanta, então Inspetor Geral da Instrução, professoras recentemente formadas pela Escola de Aperfeiçoamento, para a realização daquele trabalho.

O Laboratorio de Psicologia da mesma Escola, recebendo e manipulando os dados referentes ao test, procurou, no presente resumo, salientar alguns pontos de interesse, apresentados nesse trabalho, emquanto assuntos de outra natureza, como a organização da escala para Idade Mental, analyse das diversas respostas ás questões do test, meio social e economico á frente do Q. I. medio para cada grupo, e outras mais, irão constituir assunto para outro relatorio

(*) Para o mesmo fim foi applicado o referido test em crianças dos Grupos de: Barbacena, Juiz de Fôra, Araxá, Itabira, Poços de Caldas, Passos, Santa-Barbara, Uberlandia, São-Gothardo, Leopoldina, São João d'El-Rey, Lambary, Santa-Barbara e outros, pelas ex-alunas da Escola de Aperfeiçoamento, que nesses Grupos trabalham.

Assim, pois, os dados que aqui nos foi possível apresentar, tivemos-os com a valiosíssima colaboração das ex-alunas da Escola, e graças também á boa vontade e ao esforço das professoras das classes de 1.º ano, como á gentileza das diretoras dos grupos, suas auxiliares e professoras, que prestaram sua colaboração na organização das classes.

E', pois, com a maior satisfação que o Laboratorio reúne os presentes dados, que são o testemunho da operosidade de um grande numero de colaboradores, e os apresenta como o resultado de um emprehendimento de forças combinadas.

Possamos assim, com a experiencia ganha nessa primeira tentativa, proseguir experimentando, em busca dos meios mais convenientes ao progresso da nossa organização escolar, e, por conseguinte, melhor aproveitamento das crianças de nossas Escolas.

Antes de apresentar qualquer dado sobre o trabalho que constitui o assunto do presente relatório, procuremos justificar, sob um ponto de vista pratico, a tentativa emprehendida no sentido de sua realização.

A impressão que podemos ter diante do movimento pedagogico atual, é de que atravessamos, de fato, uma quadra que se caracteriza pelo esforço da ciencia em busca de uma educação mais eficiente. A grande transformação que se opera nos metodos, a concepção educativa que se define melhor, num sentido mais pratico, A IMPORTANCIA DADA á educação individualizada, a necessidade de conhecer para educar, tudo vem, de maneira imperativa, provocar em nós uma interrogação:

Nosso ensino, tal como vem sendo feito, corresponde ás exigencias dessa nova pedagogia?

Podemos verificar em sua marcha um carater progressivo ou regressivo?

Cubberley, em seu livro «The principal and his school,» nos mostra que não basta a um dirigente organizar com cuidado sua tarefa para obter o resultado maximo, mas precisa *medir* e *avaliar* a instrução e o progresso da Escola.

E, encontrando a medida para essa avaliação, êle nos mostra, pela clareza e objetividade dos graficos, a marcha progressiva de uma Escola.

Como vemos, a percentagem de alunos retardados, ao fim de 5 anos, foi reduzida á metade, e a de adiantados revela um progresso aproximadamente cinco vezes maior, que mostra haver um certo progresso nessa escola.

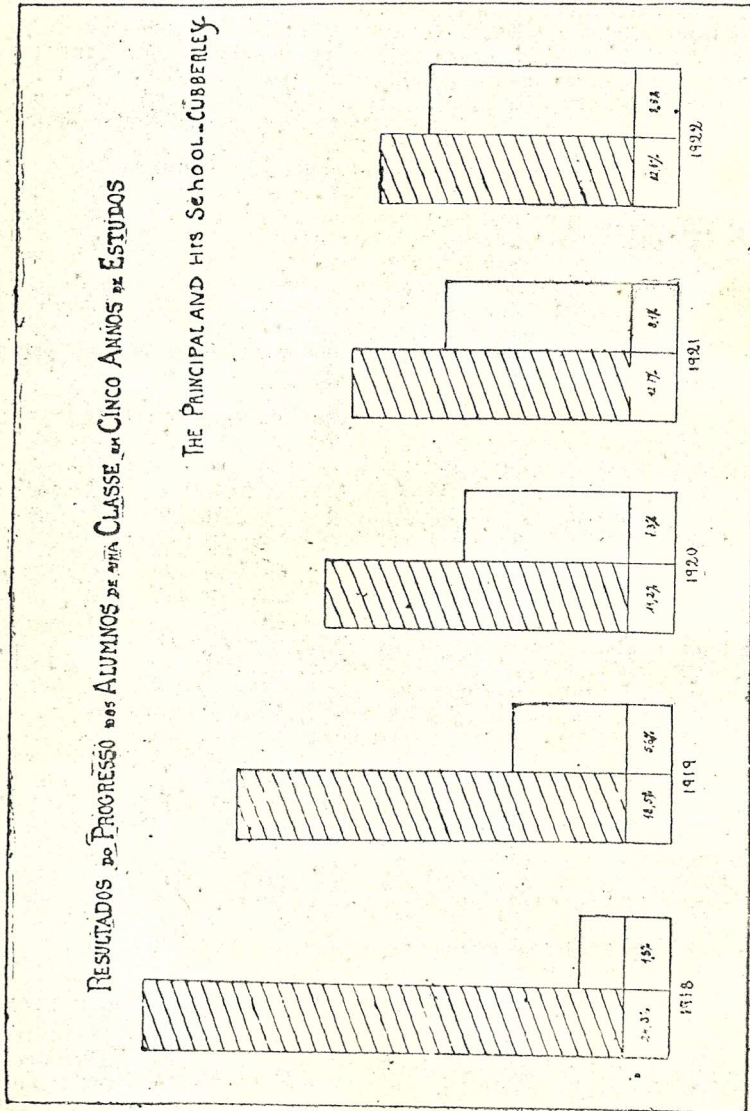


Fig. 1 — As colunas estriadas indicam crianças retardadas; as colunas em branco—crianças adiantadas

NOTA — Resumo do Capítulo “Conhecendo a escola,” do livro de *Cubberley — The principal and his school* — (Edit. Houghton Mifflin Cny. New York) *Por Zilda Assunção.*

O autor mostra nesse capítulo a necessidade que tem cada diretor de bem conhecer sua escola e sugere meios práticos para chegar a esse fim.

Sendo a principal função do diretor, diz ele, colocar os professores e alunos em condições que favoreçam o mais possível a boa instrução, é indispensável que conheça bem sua escola, isto é: o meio social em que ela se acha, os professores, os alunos e os pais. Para bem conhecer o meio social, o diretor precisa informar-se sobre a nacionalidade, elementos raciais, ocupações, vida em família, riqueza relativa, opinião sobre a instrução e cultura geral das famílias cujos filhos frequentam a escola.

Todas essas informações poderão ser facilmente obtidas em uma simples “excursão de exploração” pelo distrito, ou nos dados colhidos por ocasião da matrícula.

Um segundo tipo de informação que o autor considera necessário a um diretor é sobre a reputação da escola, isto é, sobre o conceito de que ela goza relativamente às outras escolas do distrito. Para isto é preciso que ele se informe sobre questões como as seguintes:

- 1 — Percentagem do recenseamento do distrito (para as idades representadas na escola) que se encontrou matriculada na escola durante um período de anos. Observar si ha baixa, explicar o motivo por que tão grande numero de crianças não se acha incluído nela. Observar si a matrícula está aumentando ou, não, de ano para ano.
- 2 — Regularidade de frequencia á escola.
- 3 — Médias de matricula e frequencia: percentagem de crianças que ficam na escola além da idade compulsoria limite; crianças que terminam o ultimo ano de escola; crianças que vão para a escola superior.
- 4 — Relação da matricula e da frequencia com a matricula total possível durante um período de anos.

O terceiro tipo de material que o diretor deve colecionar no principio do ano, muito importante para o conhecimento na escola, é o que mostra a distribuição das crianças por idade nas diferentes classes e na escola inteira. Para conseguil-o, cada professor deverá fazer a folha de distribuição de idade dos alunos de sua classe; esses dados serão resumidos em uma folha geral, representando a escola inteira. O autor propõe, para organização dessa folha, que sejam contadas como de idade normal as crianças que se acham entre 3 meses abaixo e 3 meses acima da idade limites marcadas para cada ano. No 1.º ano, por exemplo, a idade normal va e de 7 a 8 anos. O autor aconselha que se dê uma margem de 3 meses para cada lado; isto é, que se considerem normais as crianças que se acham entre 6 anos 9 meses e 8 anos 3 meses. Separadas as crianças em normais, retardadas e adiantadas, vê-se logo si o numero de adiantados contrabalança o de retardados, como deve acontecer normalmente. Si é maior o numero de retardados, torna-se necessário estudar as causas desse fato.

Os quadros mostram claramente as condições de uma escola quanto a esse ponto; ele dá a distribuição dos alunos na escola inteira e mostra exatamente a quanto sobe o retardamento e o adiantamento. Vê-se logo que é muito maior o numero de crianças retardadas que o de adiantadas.

Embora muitas escolas possam mostrar uma distribuição de idades e anos escolares peor que a desta escola, mesmo assim o pequeno numero de crianças adiantadas e o grande numero de retardadas exige um inquerito sobre as razões desse fato.

Em outra escola citada pelo autor, o diretor obteve, em 5 anos de trabalho, os seguintes resultados:

O grafico N. 1 nos mostra que o diretor conseguiu, nesses 5 anos, melhorar muito as condições de sua escola; com efeito, o numero de retardados diminuiu consideravelmente ao passo que aumentou o de adiantados.

E', estudando as classes e os alunos que se podem encontrar as causas do retardamento e removel-as para chegar a um resultado semelhante.

—Pode-se estudar tambem o problema do retardamento avaliando-se a percentagem de reprovações por ano e por materia e estudando-se as causas dessas reprovações.

A percentagem de insucesso pode ser devida á estupidez ou preguiça dos alunos, á falta de vivacidade das aulas, á falta de adaptação dos livros e das aulas ás necessidades, interesses e capacidades dos alunos, á necessidade de ensino individual para algumas crianças, etc. etc. Pode-se averiguar tambem quais as materias que ocasionaram maior numero de reprovações e em que pontos a instrução precisa ser melhorada.

Emfim, é preciso que se faça alguma cousa para diminuir o numero de reprovções, sem facilitar as promoções.

—Temos ainda nos tests coletivos e individuaes de inteligencia, um grande e novo auxilio para classificação das crianças. Os tests coletivos apresentam a grande vantagem de permitir uma classificação muito rapida da inteligencia de uma classe inteira. Os individuaes servem como meio de verificação para os primeiros e determinam com mais precisão o que o test coletivo revelou. E' muito grande a importancia dos tests mentaes, porque permitem a determinação exata da idade mental do aluno. Com efeito, os tests nos mostram que as idades mentaes variam muito, mesmo em crianças que tem a mesma idade cronologica; mostram-nos tambem que os alunos de uma classe não seleccionada variam muito em idade mental e, portanto, em habilidade para aproveitar a instrução dada. Pode acontecer, por exemplo, que uma determinada classe seja heterogenea com relação á idade mental e homogenea quanto á idade cronologica. Neste caso é necessario que se faça uma reclassificação dos alunos.

Si, porém, a classe fôr homogenea com relação á idade mental, embora heterogenea quanto á idade cronologica, suas condições serão muito melhores que as da primeira.

Conhecida a idade mental dos alunos, será facil ao diretor construir uma folha de distribuição das idades mentaes, semelhante ao que foi feito para as idades cronologicas. As duas juntas darão uma idéa completa das condições que oferece a classe.

Como se vê, é grande a importancia dos metodos graficos e dos novos instrumentos psicologicos para o diretor de uma escola. E' por meio deles, diz o autor, que o diretor chegará a conhecer bem sua escola, como um todo e cada classe separadamente. Por intermedio destes estudos podem ser conhecidas as verdadeiras condições e necessidades de uma escola, e por meio dos tests de inteligencia podem ser determinadas as suas possibilidades e o seu verdadeiro carater.

A aplicação dos tests exige uma instrução especial; deve, portanto, ser feita por um tecnico de Psicologia ou por uma professora preparada para esse trabalho.

Na sua falta o proprio diretor deve aprender a aplicá-los, porque os tests de inteligencia são insubstituiveis para determinação segura da habilidade e das necessidades dos novos alunos. Tambem em todas as questões relativas á classificação, promoções, orientação profissional, direção dos subnormaes ou dos mais inteligentes e outras questões que aparecem na escola, é grande o auxilio que prestam os tests de inteligencia.

Nas nossas escolas, qual será o numero de crianças retardadas, e como poderemos verificar si ha regularidade na marcha escolar dos alunos?

Nas pesquisas realizadas em torno deste e outros assuntos escolares, em 1929 e 1930, encontramos dados que nos auxiliam a responder, pelo menos, de um modo geral, a essas perguntas.

Esses dados nos fazem vêr que o numero dos alunos através dos anos escolares decresce, como se pode verificar pela percentagem abaixo. (1)

1.º ano	2.º ano	3.º ano	4.º ano
39,1%	27,3%	19,9%	13,7%

Comparando aos dados antecedentes os relativos á pesquisa feita no presente ano, verificamos a persistencia do carater.

1.º ano	2.º ano	3.º ano	4.º ano
40,97%	26,03%	20,19%	12,82%

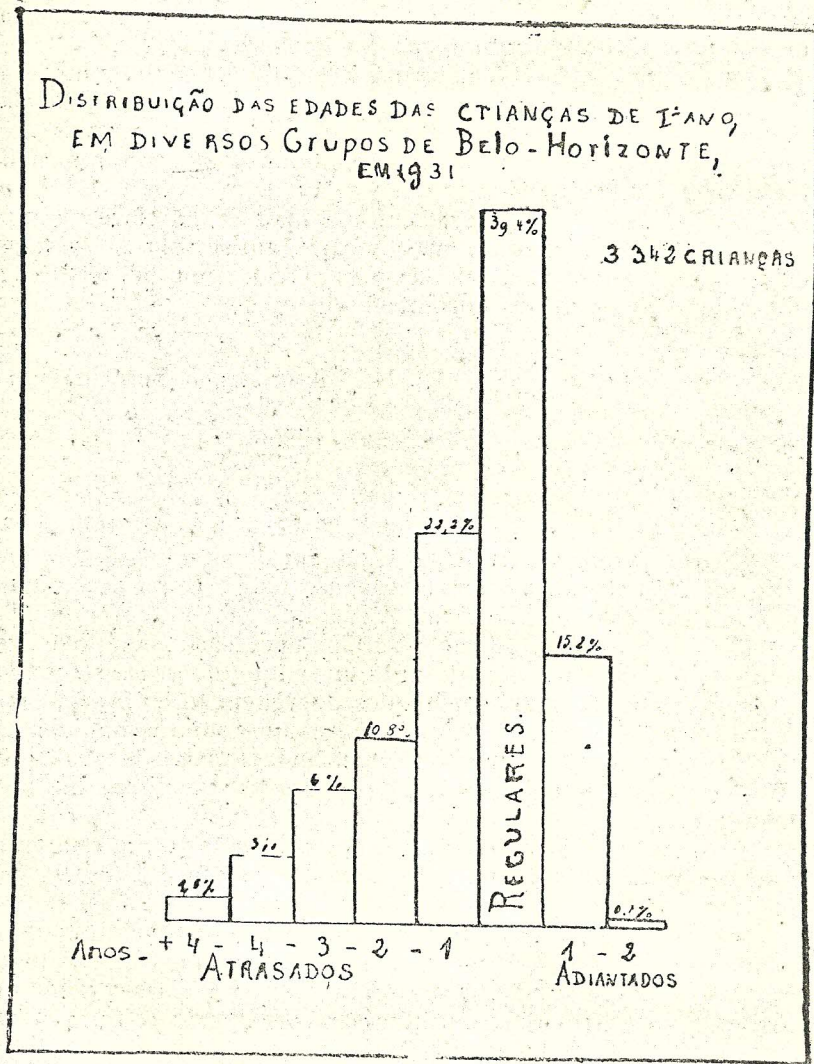
No trabalho citado acima, encontramos ainda as informações seguintes sobre as idades das crianças do 1.º ano, num dos grupos da capital:

- Crianças adiantadas (idade inferior a 7 anos) — 20,3%
- " normais (" de 7 a 7 anos e 11 m.) — 36%
- Crianças retardadas (idade superior a 7; 11) — 44,8%

As pesquisas do corrente ano nos mostram a relação seguinte:

	N.º de crianças	percentagem	
Adiantadas de 2 anos.....	25	0,7%	} 15,9
" " 1 ano.....	511	15,2	
Crianças regulares.....	1.319	39,4	
Atrasadas de 1 ano	744	22,2	} 44,2
" " 2 anos.....	362	10,8	
" " 3 "	202	6,0	
" " 4 "	115	3,4	
" " mais de 4 anos ...	63	1,8	
Total:	3341		

(1) : Escologia — pag. 14 — Extr. da "Revista do Ensino" — n.º 50 a 52, 1930.



Diante de uma comparação dos dois resultados, vemos que a percentagem de crianças retardadas se conserva aproximadamente a mesma e, perseverando o mesmo caráter dos anos anteriores, alguma razão constante deverá existir, que motive essa diferença de idades no 1.º ano.

Mostraram as pesquisas feitas em 1929—1930 e no corrente ano, que as crianças do 1.º ano apresentam grande irregularidade quanto á idade chronologica.

A's paginas 16 e 17 da citada Escolologia encontramos dados que nos mostram ser essa irregularidade produzida pelo fato de repetirem as crianças o 1.º ano uma, duas, tres e mais vezes, e não tanto por outros motivos, como o de entrarem mais tarde para a Escola, etc...

De fato, nossas crianças, em sua maioria, não fazem o curso no prazo regulamentar, mas encarregam-se, por si mesmas, de alongá-lo, como podemos vêr pela percentagem de repetentes obtida em fevereiro do corrente ano:

	N.º de crianças	percentagem
Novatas.....	1.860	43,09
Repetentes.....	2.456	56,85

Provado que a grande percentagem de alunos no 1.º ano é devida á repetição, podemos indagar qual a causa ou o complexo de causas que a motivam. A esta indagação ocorrem muitas hipoteses, para cuja verificação seriam necessarios tempo e trabalho, sendo mistér, antes de tudo, um inquerito para se conhecerem os motivos mais frequentes de repetição.

Os dados que neste sentido se acham colhidos não deixam vêr nada de geral, nem estabelecem uma escala de avaliação, por serem em numero insufficiente e por se resentirem da falta de precisão.

Assim, pois, é impossivel, ao cabo de uma só investigação, indicar o grau da culpabilidade de uma ou outra causa, como determiná-las.

Pondo, no emtanto, de lado a influencia dos metodos, a capacidade profissional, o meio social e economico, o estado de saúde do aluno, e tomando a organização das classes como um dos fatos capazes de contribuir para o exito ou o fracasso do ensino, teremos, assim, justificado o porque do presente trabalho, referente áquêla parte da organização escolar.

Não é uma novidade entre nós o recurso dos tests de intelligencia para a organização de classes, nem tem constituido simples teoria. Praticou-o, em 1928, o grupo «Barão de Macahubas» e, em 1930, o grupo «Olegario Maciel». Tambem em 1929, sob a direção do dr. Simon, foram organizadas classes mais ou menos homogeneas, nos grupos «Barão do Rio Branco» e «Pedro II».

A aplicação dos tests em larga escala, e de um modo sistematizado, iniciou-se, contudo, no presente ano.

De posse daqueles dados estatísticos, e aguardando os resultados dessa primeira tentativa, poderemos, com as cifras futuras, verificar si a organização das classes atúa, e em que gráu, sobre a percentagem das promoções.

O trabalho e sua orientação

Com tão grande responsabilidade, o trabalho não poderia ser feito sem ação controladora. Para que seu valor servisse a um julgamento, deveria o test obedecer a uma tecnica uniformizada, ser sujeito ao mesmo criterio de apreciação. Por outro lado, tornava-se necessario conhecer todos os fatores que pudessem prejudicar os resultados, alterando a realidade dos mesmos. Deste modo, o trabalho foi guiado pela professora de psicologia, da Escola de Aperfeiçoamento, D. Helena Antipoff, e, em reunião com as professoras encarregadas da aplicação de test, eram discutidos os problemas encontrados, apresentadas sugestões, estabelecidos os principios gerais, atendendo-se, o mais possivel, ás diferenças peculiares ao meio.

Para melhor uniformidade do trabalho e conhecimento das diferentes situações, foram distribuidos ás professoras questionarios como o que vemos adiante, cujas perguntas damos com as respectivas respostas. (Ver no fim do relatorio).

Os problemas que constituíram o assunto das cinco reuniões realizadas de março a junho, são de tal modo interessantes, por apresentarem um carater puramente real, que me parece útil resumi-los aqui.

1.º — Problemas referentes ao Test propriamente dito

Como este ponto será mais particularmente tratado pela auxiliar do Laboratorio, Helena Paladini, em seu proximo trabalho, serão aqui resumidamente apresentadas sómente alguns problemas.

O test de Intelligencia e de Vocabulario do Dr. Simon, aplicado ao primeiro ano analfabeto não seria bem recomendado aos alunos repetentes, pois julgá-los pela mesma medida seria não levar em conta a adaptação escolar e o gráu de influencia da instrução na mentalidade. Para os repetentes dever-se-ia preferir o test coletivo de Dearborn, mais rapido e mais de acordo com o gráu do desenvolvimento das crianças maiores.

A uniformidade da tecnica e da apreciação ficou um tanto prejudicada, por ter sido o test aplicado em alguns grupos, não

pelas especialistas dele encarregadas, mas por pessoas que, embora de reconhecida competencia pedagogica, não podiam estar bem ao par dos principios em que se assentava a tecnica do referido test.

2.º — Problemas relativos á classificacão

Considerando-se a importancia da adaptacão social e a da iniciacão escolar, atribuidas aos repetentes, parece bem indicada a classificacão dos novatos separada dos repetentes, sendo esta a primeira grande divisão. Depois, de acordo com a ordem decrescente dos Quocientes Intelectuaes, organizar-se-iam classes A, B, C e D, que variariam de numero, de acordo com o total das crianças do primeiro ano.

O criterio numerico adotado para a distribuiçã das crianças seria o dos Q. I., por ser medida equivalente ás idades cronologicas, e não a classificacão só pelos percentis relativos ao numero de pontos ou á idade mental, que daria uma classificacão menos eficiente, visto não se tomar em conta, em tal apreciacão, o valor da idade cronologica.

Teriam assim as classes, em relacão ao nivelamento, um perfil de duplo aspeto: mais regular quanto á intelligencia; menos, quanto ao desenvolvimento cronologico, o que, sob o ponto de vista do Ensino, parece preferivel ao nivelamento pela idade rial.

Estabelecidos assim os principios da classificacão, devemos ser inflexiveis e não ceder em caso algum? Sempre que tratamos de individuos, é preciso não esquecer a complexidade de elementos que concorrem para a eficiencia de sua educacão. Diante de certos casos, é preciso atender aos fatores psicologicos, sociais, economicos e, mais acentuadamente, afetivos, que impedem de maneira imperativa o desenvolvimento de uma determinada criança na sala onde se encontra. Mas é preciso que se tenha bem determinada uma base psicologica e um criterio objetivo a que se deva atender. Ver e, depois, julgar. Ser flexivel sem ser fraca é o segredo da boa direçã.

3.º — Divergencias entre o Test e a observacão das professoras

O. Q. I. não foi tomado inflexivelmente para o julgamento das crianças e organizacão das classes. Como se vê, a pergunta n.º 7, do questionario, se refere a esse ponto.



Pelas respostas obtidas, quasi todos os grupos atenderam á observação das professoras para o contról do test.

Tratando de semelhante questão, vem-nos logo a pergunta: Houve grandes divergencias entre o test e a observação das professoras? Si houve, qual o motivo?

Infelizmente não podemos responder á presente questão para a totalidade dos grupos, pois, obtendo dados de quasi todos, referentes á divergencia, até fins de fevereiro, não achamos, todavia, prudente considerar como definitiva a percentagem de casos divergentes então colhidos. Procurámos conhecer o numero de casos julgados falhos até o fim do 1.º semestre, e eis os algarismos que nos foi possível obter:

GRUPOS	N. de cri. testiz.	N. de divergenc.	%
Francisco Sales.....	159	20	12,6
José Bonifacio	307	26	8,5
Pedro II.....	245	22	8,9

Estes dados nos mostram que o numero de divergencias entre o resultado do test de Dr. Simon e a apreciação do trabalho escolar das crianças atinge mais ou menos 10% sobre um total de 711 casos examinados.

Quanto á pergunta - porque essas divergencias—entramos em um terreno que nos oferece uma fertilidade de sugestões, cuja verificação é de grande interesse para o exito da classificação. Estabeleçamos alguns lados bem distintos da divergencia:

Erros provenientes do experimentador.

Erros provenientes da criança.

Erros motivados pela irreabilidade dos dados relativos á criança, como idade cronologica e outros.

Erros de observação

Quanto aos primeiros, diz Claparède no «Comment diagnostiquer les aptitudes chez les écoliers» (pag. 94.)

«Nous avons à considerer les erreurs tenant á l'interprétation des réponses de l'enfant, notamment dans les cas où

cette réponse est verbale; les erreurs tenant á l'inconstance des sujets; celles qui peuvent provenir de phénomènes affectifs inhibant momentanément les aptitudes. Enfin, les erreurs tenant au fait q'un enfant connaît déjà le test auquel on va le soumettre.»

Além desses foram lembrados ainda os seguintes obstáculos ao êxito do test: enganos de calculo, e sobretudo indicação errada da *idade cronologica*. Um ponto para o qual foi especialmente chamada a atenção refere-se a dificuldades apresentadas por certas crianças, de cujas reiteradas repetições não se explica o motivo, não está aparente, e, no entanto, seu Q. I. se mostrou muito alto. É preciso então procurar a causa remota dessa anomalia, tratando com especial cuidado o caso, pois não importa apontar somente os casos de divergencia, mas procurar a causa, estabelecer sua natureza, que pode variar desde os grosseiros erros de calculos até ás subtilizas de interpretação.

Um fator importante de divergencia está na origem estrangeira do aluno que, conhecendo insuficientemente nossa lingua, não poderá ser "testado" pelo test de vocabulario e inteligencia. Ha motivos graves de divergencia constituindo causas externas, como o mal comprehendido apego de professor a seus alunos, influido favoravel ou desfavoravelmente nos resultados, afim de conservá-los consigo.

Vejamos agora si a observação tambem pode falhar.

Em 1.º lugar, lembremos como tem sido considerada difficil pelos psicologos a avaliação subjetiva da inteligencia.

Binet diz mesmo que, si pedimos a um professor a apreciação da inteligencia de um aluno, estamos applicando um test de inteligencia a esse professor.

Qualquer uma de nós, habituada ao ensino, pode afirmar quanto varia o julgamento que fazemos da inteligencia de nossos alunos, entre o 1.º, 2.º, 3.º e até 6.º ou mais meses de convivencia. Todos conhecem os exemplos variadissimos de divergencia quanto ao julgamento de um certo trabalho, ao criterio de muitas pessoas. Medeiros e Albuquerque nos cita, á pag. 17 do seu livro "Tests", um exemplo dessas divergencias: Em uma "enquête" levada a efeito pela "Central Association of College and Secondary Schools", a divergencia atingiu aos extremos da reprovação á aprovação distinta de uma mesma prova. O mesmo autor cita outro exemplo que se deu entre nós, no qual vemos uma mesma prova colocada em 2.º e até em 10.º lugar pelos professores que a julgaram.

Além do elemento subjetivo, vejamos também alguns exemplos colhidos pela observação, em nosso trabalho, e que vêm discriminar certos pontos que podem perfeitamente levar a erros a observação.

Existem em uma classe duas crianças de idades diferentes, e cuja idade mental é igual; porém, a maior sabe ler um pouco e a menor é analfabeta. A professora acha que a primeira é mais inteligente que a segunda e, por isto, deve ficar em classe mais adiantada. Essa professora, parece, segue o critério da apreciação pedagógica para o julgamento da inteligência, pois, si essa criança não tem a mesma idade cronológica, no dia em que a menor tiver a idade que presentemente tem a maior, seu desenvolvimento, seus conhecimentos escolares, suas experiências sociais serão provavelmente superiores; assim, de fato, não devem estar juntas, mas em classes de repetentes alfabetizados e de novatos, pois, quando no 2.º ano, irão formar provavelmente, classes de 2.º ano fraco e forte, respectivamente. Este engano é muito comum. Em geral nos deixamos impressionar pela aparente superioridade de uma criança alfabetizada sobre uma analfabeta, embora mais inteligente.

Outras vezes, diante de duas crianças de idades diferentes, nos deixamos levar puramente pelo desenvolvimento cronológico da mais velha, sem que isto queira dizer inteligência. Em geral notamos em muitos casos em que era apontada divergência entre o test e a observação, ser a criança de Q I. baixo, bastante avançada em idade, relativamente a suas companheiras.

Outro feitiço perigoso de inteligência está na verbosidade, no desembaraço social, que se revestem de uma forma facilmente confundível com a inteligência, si nos limitarmos a essa apreciação aparente, sem tomarmos em conta a idade real, o que especialmente motiva tais enganos.

Formação das classes

Aplicado o test individual do Dr. Simon em 3.400 crianças de 1.º ano em fevereiro de 1931, na maioria pelas pro-

fessoras formadas pela E. de Aperfeiçoamento, residentes na capital, (°) organizaram-se 144 classes, assim distribuídas:

Tipos	N.º de classes	N.º de cri.	Percent.	N.º medio de cri. por classe
A	28	1.197	29,18	42,
B	42	1.681	40,98	40,
C	30	844	20,57	28,
D	14	380	9,26	27,
Total	114	4.102		

A diferença que se nota entre o numero de crianças testadas — 3.400 — e o total que constitue as classes — 4.102 — explica-se pelo numero de crianças repetentes, testizadas pela prova de Dearborn. Embora o numero das repetentes seja muito superior a 102, quer dizer que muitas delas foram submetidas ao test Dr. Simon.

Typo A — A melhor classe, alunos portadores dos mais elevados Q. I. Classe de responsabilidade, destinada a uma promoção de 100 /.. Com trabalho escolar intensificado.

Typo B — Classe intermediaria, Q. I. medios.

Typo C — Classe de crianças fracas, lentas, retardadas.

Typo D — Classe de crianças visivelmente diferentes das comuns, apresentando grande atraso ou qualquer anomalia mental ou fisica, que impedisse seu desenvolvimento natural.

(°) O serviço de aplicação de tests foi assim distribuído desde 10 de fevereiro de 1931:

Zilda Assunção, grupos "Olegario Maciel e "Mariano de Abreu"

Maria Cunha, grupo "Cesarío-Alvim".

Irene Silveira, grupo "José-Bonifacio"

Susel de Padua, grupo "Barão do Rio-Branco".

Stela Loureiro e Ednah Santa Rosa, grupo "Afonso-Pena"

Amelia Mata Machado e Maria Vasconcelos Pinto, grupo "D. Pedro II".

Luiza Melo, grupos "Henrique-Diniz" e Flavio dos Santos".

Irene de Paula Magalhães, grupo "Silviano-Brandão".

Maria Auxiliadora Corrêa de Paula, grupo "Lucio dos Santos"

Helena Paladini, grupo "Francisco-Sales"

Maria de Lourdes Pereira da Silva, grupos "Sandoval de Azevedo" e "Tomaz Brandão".

Maria Isabel Vieira e Zelia Gomes de Almeida, grupo "Caetano Azeredo".

Eulina Joviano, grupo "Barão de Macaúbas".

Eugenia Ferreira, Anita Fonseca, grupo "Bernardo-Monteiro".

Maria Luiza de Almeida Cunha, assistente tecnica, grupo "João-Pessoa".

Os Q. I. limitrofes dessas classes deviam forçosamente variar, como também o numero de classes de cada tipo. Assim, o valor de cada classe é relativa, e só o deixará de ser quando se estabelecerem os Q. I. limitrofes de uma classe A, B, C e D que terá então seu carecteristico constante para cada grupo.

A denominação por letras, parece preferivel á de Normais, Sub-normais e Anormais que além de subjetiva é deprimente. Por outro lado, não podemos estabelecer ainda os limites da normalidade para as nossas crianças, dado ao escasso conhecimento bio-psycologico que delles temos.

Podemos dizer que a classe D requer um tratamento especial, metodos mais concretizados, regimen flexivel a mais atividades; que sua professora deverá ser dedicada, cumpridora dos deveres, calma, de maneira a manter na classe um ambiente sereno, proprio a essas crianças, e ministrar-lhes um ensino individual, diferencial; portanto, a uma professora que se recomende unicamente pela intelligencia, é preferivel aquela, cujos dotes de carater e de coração, a façam amiga de seus alunos, pronta a se sacrificar por eles, pois é mais nobre, requer maior dose de abnegação cuidar daqueles que tudo esperam e pouco, relativamente pouco, poderão dar.

A respeito, encontramos no artigo 381, do Reg. do Ens. Primario, as seguintes considerações:

«Dependendo o exito das classes especiais para retardados exclusivamente da atuação e influencia da professora, devem ser exigidos dela requisitos especiais, como: espirito agil, e inventivo, procurando constantemente aperfeçoar os seus metodos de educação; paciencia e pleno dominio sobre si.»

A educação das crianças das classes C e D, apresentando uma certa complexidade, veiu pôr suas professoras em situação especial, e, para facilitar-lhes a tarefa, organizou-se na Escola de Aperfeçoamento, por proposta de D. Helena Antipoff, reuniões ás quintas-feiras destinadas a questões praticas de higiene, psicologia e metodologia, delas se encarregando, além daquela professora, o dr. Castilho, chefe do serviço Medico Escolar, com a colaboração de seus auxiliares, principalmente do dr. Aureliano Tavares Bastos, e as professoras da referida Escola.

O estudo, que nas reuniões se vem fazendo, das crianças das classes C e D, constitue assunto a cargo da auxiliar Teresa Santos, motivo pelo qual não vai incluída, neste relatorio, nenhuma noticia acerca do mesmo.

Dificuldades encontradas na organização das classes segundo o desenvolvimento mental das crianças

As dificuldades encontradas na organização das classes, não só foram muitas, como graves, a ponto de ameaçar seus resultados.

Não é isto para se estranhar. Era natural que assim fosse, pois um trabalho de tal natureza não se introduz com facilidade, nem rapidez. Assim, todas as dificuldades foram anotadas, para que servissem às experiências futuras.

A primeira, a universal dificuldade encontrada por todas, foi a de se «conhecer a idade exata das crianças».

Essa dificuldade apresenta gradações dignas de nota :

São distribuídos bilhetes aos pais, indagando das idades de seus filhos: filho não sabe, pai não sabe; as crianças levam os bilhetes, mas não os trazem porque os perderam ou se esqueceram. Bilhete vai e volta, mas volta errado. Houve quem recebesse um, nas seguintes condições: Nacionalidade do pai—1881.

Mas ha em compensação, crianças que trazem até duas datas de nascimento... Pais aumentam ou diminuem visivelmente as idades das crianças, e, em resultado disto, lemos as grandes divergências entre o Q.I. por essa idade obtido e a mentalidade real da criança.

A questão dos turnos é outra dificuldade comumente apontada, principalmente quando são tres, sendo o 2.º, o 1.º ou o 3.º o preferido pelos pais, que, além de dizer que o filho o ajuda a tal hora, tem que servir de companhia ao irmão mais moço. E as crianças que moram longe e não podem estar presentes á hora do primeiro turno, e as que moram perto, mas acham difícil estar de pé bem cedo para ir a aula...

E aquele pae, que acha estar sua filha muito bem com D. Fulana, e não quer saber de nenhuma outra, nem dos filhos dos outros, nem mesmo si seu filho ficará melhor nessa ou naquela sala...

E essa professora qua vai chorar muito porque lhe tiraram um aluno predileto, e esse aluno que protesta como pode, porque o separaram do primo...

Assim, collocando por uma questão de habito, o seu interesse acima do bem coletivo, talvez mais por irreflexão que por intransigencia, a organização escolar passa a ser do dominio privado, constituindo letra morta para o corpo escolar.

Não ha censura abertamente a fazer: mãos habitos que se firmaram depressa por serem comodos, satisfazendo ás nossas exigencias pessoais. O interesse publico não se definiu ainda entre nós, não se corporificou, não constitue uma força.

Outra lastimável dificuldade está nas frequentes transferências que vêm desorganizar o que acabou de ser organizado, e talvez por isto mesmo, porque um pai que se aborreça com a organização, tem a liberdade de requerer transferência de seu filho, qualquer dia do mez, levando-o para outra, e deixando aquele que, trabalhando para alcançar melhor organização, vê sua matrícula desfalcada, e classes desorganizadas.

Ainda uma dificuldade geral refere-se ao reconhecimento dos alunos repentinos e novatos, por não serem minuciosos os dados individuais referentes á vida escolar da criança.

E, por fim, a grande questão referente ao numero de alunos por classe, que ás vezes não está de acordo com o critério adotado pela encargada dos tests, e a Secretaria. A proposito, organizaram-se em grupos da capital, classes D, com 40 alunos, quando, pelo regulamento do Ensino primario, (decreto n.º 7.970 de 1927-art. 378) essas classes não devem conter mais de *quinze* alunos.

Podemos ainda citar outras dificuldades, como a falta de professoras, em exercicio, de salas de aula, que igualmente prejudicaram a seleção.

Estes e outros obstaculos não só impediram uma bôa classificação, como tornaram lento o trabalho, que de maneira nenhuma levaria tres menses, como levou em alguns grupos.

Resultados previstos

Considerando todas essas dificuldades que obrigaram as professoras a transigir, conciliar, podemos esperar do trabalho os resultados previstos, e dar-lhes um caráter inteiramente real?

Em primeiro lugar está a questão das idades: como ter confiança na expressão de um resultado calculado sobre uma base possivelmente falsa? Já se têm encontrado na pratica resultados que divergem de bom senso, e como não acreditar serem motivados, não por deficiência do test, mas por erros de idades?

No entanto, não se pode dizer que tenha sido frustrado o trabalho que é assunto deste relatório.

Ainda que fosse apenas para a focalização das dificuldades e consequentes sugestões dos meios de afastá-las, seria alguma cousa, pois seria o primeiro passo, o mais difícil e arriscado, aquele que traz á tona muita cousa que é preciso remover e que, sem êle, permaneceria oculta.

Conclusão

Todavia, não é possível uma segunda tentativa de organização homogênea, sem que se tenha afastado, pelo menos, o mais grave de todos os impecilhos, não só sob o ponto de vista psicológico, mas também social: — o *reconhecimento exato das idades*.

Si as dificuldades referentes a este ponto assumem as variantes singulares que vimos atrás, e refletem a incultura do meio em seu descaso pelo conhecimento exato da época do nascimento, pouco podemos esperar da família.

No entanto, documentar o nascimento é ato de tamanha importância jurídica, que dele depende o reconhecimento da personalidade civil do homem, estando assim, intimamente ligado aos interesses do Estado.

O decreto n.º 19.710, de 18 de fevereiro de 1931 do Governo Provisório, resalta todos os interesses públicos e privados do registro civil, e é ele ao mesmo tempo que, facilitando os meios para essa obrigação, com o levantamento da multa até 31 de dezembro de 1932, imposta áqueles que nela tenham incorrido por desobediência ao decreto n.º 10.644 de 22 de setembro de 1888, reflete a inadvertência popular em cumprir o dispositivo da lei a que se refere o decreto.

Então, se a escola exigisse a certidão do registro civil para sua matrícula, sem onus para os pais, mas para o próprio Estado, estaria contribuindo com sua autorizada voz, em favor dessa campanha de alto interesse social, com uma exigência que cabe perfeitamente dentro das finalidades do Registro Civil; pois não constitui a entrada da criança para a Escola um ato de suma importância para si e para o Estado, o primeiro passo dentro da sociedade, o primeiro débito para com o Estado, a primeira promessa de um futuro valor social, e por conseguinte, um ato que reclamaria justificadamente "o reconhecimento de sua personalidade civil"? A entrada para a Escola deve ter a significação de um nascimento espiritual; portanto, além da simples exigência da certidão do registro civil para efeitos da matrícula, poderia esta em si mesma constituir um fato a ser anotado naquele registro, o qual, conforme o conceito de um dos nossos maiores juristas, sendo o depositário dos fatos mais importantes da vida humana: — nascimento, casamento e morte, bem poderia consignar mais um: — nascimento, ensino, casamento e morte.

Entretanto, da simples apresentação do certificado do Registro Civil, muitas vantagens resultariam para a ordem escolar e administrativa em geral, bastando citar: a rigorosa determi-

nação da idade do aluno, base indispensável á sua apreciação intelectual; exata observância dos regulamentos, evitando-se a irregularidade tão frequente da admissão de menores de 7 anos que engorgitam as classes, com prejuízo dos que já tendo atingido a idade escolar, têm melhor direito á instrução que mais eficientemente aproveitariam, em classes mais bem organizadas.

O cumprimento do decreto N. 10.044, de 22 de setembro de 1888, cuja desobediência tão grandes obstáculos traz a qualquer iniciativa, como já o notou o Dr. Raul de Almeida Magalhães, ex-diretor da Saúde Pública em nosso Estado, no "Minaes-Gerais", de 19 de abril ultimo:

"O simples crescimento vegetativo da população não se consegue apanhar com fidelidade, porque, principalmente no interior, uma massa formidável dos nascimentos não se encontra inscrita nos nossos registos civis".

Além desta medida, necessária á exatidão do trabalho, outras existem, referentes á sua rapidez, como o reconhecimento de dados referentes á vida escolar do aluno.

Para isto, si as cadernetas escolares, prescritas no art. 359 e 360 do referido regulamento, entrassem em função, grande economia de tempo se faria.

A liberdade de que gozam os pais, com a transferência dos filhos, e sendo isto uma das fortes perturbações ao trabalho escolar, devia, em favor deste, ser restringida pela demarcação dos perimetros escolares. E' tão incoerente com a boa marcha do ensino esse nomadismo de crianças pelas nossas escolas, e que o art. 288 em seu paragrafo 2.º faculta, que mesmo a matricula deveria ser restringida aos dois periodos: Fevereiro e Julho, exceção feita ás crianças vindas de fóra.

E diante da dificuldade, por assim dizer, de carater afetivo, encontradas em algumas professoras e pais, nada mais teremos que fazer, sinão apelar para o bom senso dos mesmos, para que sacrifiquem, em favor da organização escolar, todos os sentimentos pessoais, sem carater educativo, e estamos certos de que, uma vez reconhecida a vantagem para o filho ou aluno, se formaria essa desejada attitude de pais e mestres, diante da Escola, cujo mais alto fim é bem educar, servindo ao aluno, e, por ele, a sociedade.

Assim, si a Escola deve atender e precisa atender aos justos interesses da família, e para isto precisa conhecê-los perfeitamente, deverá também esperar que seus interesses, que não são mais que os interesses publicos, sejam reconhecidos e respeitados. Assim irá atender a um caso jsto, tolerar que uma criança doente frequente uma classe onde se sinta melhor que na-

queila para onde estava indicada, mas não poderá tolerar que motivos futeis ou sentimentos exagerados venham perturbar sua organização, base de seu progresso.

Escola de Aperfeiçoamento, Junho de 1931.

Suplemento

QUESTIONARIO E RESPOSTA DADA PARA UM GRUPO

- I Aplicou tests em seu Grupo? *Sim*
- II Quais os tests aplicados?
1.º ano: *Simon, Dearborn, Goodenough*
2.º ano: *Dearborn, Goodenough,*
3.º ano: *Ballard, Dearborn, Goodenough,*
4.º ano: > * *
- III Em quantas crianças aplicou tests?
1.º ano: *211*
2.º ano: *115*
3.º ano: *148*
4.º ano: *48*
- IV Quantas crianças ha em seu grupo?
1.º ano: *243*
2.º ano: *132*
3.º ano: *157*
4.º ano: *52*

CLASSES DE 1.º ANO

- V Como foram formadas as classe de 1.º ano:
a) Pela ordem de matricula? — *Não*
b) Idade? — *Não*
c) Sexo? — *Não*
d) Crianças repetentes e novatas? — *Sim*
e) Nivel mental? — *Sim*
(Responder para cada um dos 1º anos).
- VI Si as classes foram formadas segundo o resultado dos tests, qual o criterio numerico adotado? (Q. I. Ed. mental, Percentil, etc.).

Q. I.

- VII Os resultados dos tests foi o criterio unico adotado, ou foi tambem tida em vista a observação das professoras?
— *Sim.*
- VIII Neste ultimo caso, houve concordancia entre a observação e o test?
- IX Quantos casos de grande divergencia existiram? — *Oito*
- X Como foram resolvidos esses casos? *As creanças ficaram em observação.*
- XI Qual o criterio para a determinação de professoras que deviam reger tal e tal classe? *Para a classe dos retardados, professora com algum conhecimento de psicologia e trabalhos manuais, possuindo bom carater.*
- XII Quantos tipos de classes foram formados? *A, B, C.*
- XIII Quantas crianças de 1.º ano não repetentes foram promovidas em novembro de 1930? *33*
- XIV Quantas crianças deixaram de ser promovidas? *98*
- XV Porque?
a) Deficiencia intelectual?
b) Deficiencia de preparo escolar? *Sim (76) Por molestia, 11.*
c) Infrequencia? *Sim (14).*
d) Porque foi infrequente?
e) Mudança de professora? *Sim (8)*
- XVI Quantas crianças repetentes de 1, 2, 3 e mais vezes?
1 vez — *98.*
2 vezes — *28.*
3 vezes — *1.*
4 vezes — *1.*

147.592 aa
1952



quarta capa